

## DE SAUSSURE ÀS TEORIAS ENUNCIATIVAS: RUPTURA OU CONTINUIDADE?

---

*Maria Henriqueta Costa Campos*

Aprendemos a ler Saussure com maior ou menor esforço e com maior ou menor prazer quando começamos a estudar linguística no 1º ano da licenciatura. Quando passamos a ensinar Saussure, temos uma visão necessariamente mais crítica, mas é ainda o Saussure do *Cours de linguistique générale* que defendemos. A afinar o nosso olhar e a ajudar-nos a resolver as contradições que surgem no texto dos discípulos, temos agora *Les Sources manuscrites* de Godel (1ª edição em 1957), a edição comentada de Tullio de Mauro (1ª edição italiana em 1967) e as edições críticas de Engler (1967-1974).

A imagem que ainda hoje perdura para a generalidade dos estudantes que passaram por Saussure é a do precursor do estruturalismo europeu, daquele que, nas palavras de Françoise Gadet em *Saussure, une science de la langue* "arrancou a reflexão sobre a linguagem às evidências empíricas" (1987:7) dominantes na investigação histórica de então. Com Saussure o objecto de análise seria definido como um objecto abstracto, construído pela teoria, um sistema governado por princípios exteriores ao indivíduo e à realidade física<sup>1</sup>.

Nessa imagem que perdura – e cito novamente Françoise Gadet – a teoria saussureana propõe a desconstrução de um sujeito psicológico livre e consciente que imperava na reflexão em Ciências Humanas nos

---

<sup>1</sup> Todas as citações que figuram neste texto foram traduzidas por mim.

finais do século XIX. Para alguns dos seus exegetas, Saussure surge, assim, ao lado de Freud, de Marx, de Darwin e também de Copérnico.

Se a divulgação dos conteúdos dos três Cursos de Linguística Geral de Genève que tiveram lugar de 1906 a 1911 se deve, fundamentalmente, ao texto do *Cours de linguistique générale* (1ª edição em 1916), o facto é que os princípios inspiradores do estruturalismo se encontram já num dos seus trabalhos de Gramática Comparada, o célebre *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, publicado em 1878. O *Mémoire*, para muitos o seu maior contributo como linguista, é, para Meillet, "o mais belo livro de gramática comparada que jamais se escreveu" (Calvet 1975:16): a partir de um profundo conhecimento empírico de factos gramaticais e fonéticos de um grande número de línguas indo-europeias, Saussure, pelo método hipotético-dedutivo, propõe a existência de um fonema até aí nunca descrito, que constituiria um dos termos do sistema. Como todos sabemos, só em 1927, com a decifração do Hitita por Kurylowicz, se teve a prova da existência de um fonema com as características descritas por Saussure no *Mémoire*, 50 anos antes (Benveniste [1963]1966). Confirmava-se assim a genialidade da sua construção teórica.

Com o conhecimento dos Anagramas, estudados e publicados por Starobinski a partir de 1964, surge um Saussure desconhecido e, aparentemente, inconfessado. Saussure encontra em alguns textos poéticos marcas de uma actividade secreta do poeta. A essas marcas, que constituem um texto subjacente ao texto – "les mots sous les mots", na designação de Starobinski – Saussure dá o nome de "anagramas". Inicialmente identificados na poesia latina, depois na poesia grega e védica, nas lendas germânicas, e mesmo em textos de prosa, os anagramas parecem ocorrer em todos os tipos de textos. Sem poder decidir sobre a natureza dessa actividade secreta – processo consciente ou produto do acaso? – Saussure põe a questão a um poeta italiano de Bolonha, seu contemporâneo, Giovanni Ascoli, cuja poesia latina também continha anagramas. O poeta parece não ter respondido, o que Saussure terá interpretado como uma desaprovação. Saussure abandona então o estudo dos anagramas, deixando para trás cerca de 5 anos de investigação e 140 cadernos de notas, não publicados (Starobinski 1971). Não deixa de surpreender o contraste entre um tal volume de notas e a escassez de materiais relacionados com os Cursos de Linguística Geral, a que Saussure deve em grande parte a sua glória póstuma.

Em que medida este segundo Saussure difere do Saussure dos Cursos de Linguística Geral que decorriam simultaneamente com a investi-



gação sobre os anagramas? Há, aparentemente, uma conceptualização diferente da que se encontra no *Cours de linguistique générale*. Por um lado, o princípio da linearidade do significante é posto em causa. Nos anagramas, o significante desenrola-se numa existência dupla, surge em dois níveis, numa dimensão não linear. Por outro lado, a oposição dicotómica forma *versus* substância, em que, na axiomática do *Cours*, a língua é forma e não substância, parece também não se sustentar, uma vez que é a substância do significante que constitui e estrutura os anagramas, neutralizando a oposição entre significante e significado. Finalmente, como não associar um sujeito secreto ao texto dos anagramas (o texto subjacente), e como conciliar este facto com a ausência do conceito de sujeito nos postulados da linguística geral?

O Saussure dos Anagramas constitui, para Jakobson (1974:199-200), uma segunda revolução, que deixa entrever uma perspectiva diferente em linguística geral e, mais especificamente, na análise do texto poético. Nesta nova perspectiva, sublinha Jakobson nas *Questions de poétique*, é dado realce à natureza essencialmente e universalmente polifónica e polissémica da linguagem poética. Confirma-o Starobinski em *Les mots sous les mots* (1971:79): "desenvolvido em toda a sua amplitude, o anagrama torna-se um discurso sob o discurso". E, mais adiante (ibidem:152): "chega-se à conclusão, implícita em toda a investigação de Saussure, de que as palavras da obra saem de outras palavras antecedentes, e que não são directamente escolhidas pela consciência formadora". Que diferença entre a linguística estática proposta no *Cours de linguistique générale* e esta linguística dinâmica que se debruça sobre a estrutura anagramática do texto!

Contrariamente a Jakobson, porém, os críticos mais severos da ortodoxia do *Cours* consideram serem os Anagramas a única e verdadeira vertente revolucionária de Saussure. A questão do lugar da linguística geral no pensamento saussureano é posta por Godel desde o início das *Sources manuscrites*. A este propósito, diz Calvet, em *Pour et contre Saussure* (1975), que a linguística geral foi para Saussure apenas um instrumento de análise necessário à realização dos seus objectivos, e não um fim em si. Encontramos uma visão próxima no Milner de *L'amour de la langue* (1978). Segundo este autor, ao propor os fundamentos de uma linguística geral, Saussure está a seguir um ideal de ciência que torne possível dar à gramática comparada e, em particular, à reconstrução indoeuropeia as bases de uma disciplina científica. Já Benveniste assinalara este facto, entre outros, no seu texto de 1965, *Ferdinand de Saussure à l'École des Hautes Études*: "a gramática

comparada de então não passava... de uma reunião de correspondências retiradas indistintamente a todas as línguas da família. Saussure, pelo contrário, só confronta os dialectos para isolar as características próprias a uma língua... Ele restaura... a individualidade da língua.... Isto implica que as particularidades de uma língua estejam em relação umas com as outras e não devam ser estudadas isoladamente" (1965:28-29, 30). Mais próximo de Saussure, encontra-se esta posição na lição proferida por Bally na abertura do Curso de Linguística Geral de 1913: "o meu ideal continua a ser o do meu mestre; seguindo o seu exemplo, esforçar-me-ei por unir estreitamente a linguística geral e a gramática comparada" (Bally [1925]1965:159).

Para Starobinski (1971), com o estudo dos anagramas Saussure teria tentado constituir uma teoria da estrutura anagramática do texto, para a qual precisava de ter alguma segurança ao decidir sobre o carácter consciente ou inconsciente dos processos subjacentes. A estrutura interna dos textos parecia apontar para a intencionalidade. Mas Saussure quer ter uma confirmação externa. Na impossibilidade de a conseguir, os seus escrúpulos naturais não lhe permitiram continuar aquela via. Tudo seria diferente, diz Starobinski (1971:154), se Saussure tivesse admitido que os anagramas constituem "um aspecto do processo de 'parole', – processo nem puramente fortuito nem plenamente consciente".

Um terceiro Saussure parece emergir nos *Manuscritos de Harvard*, parte dos quais são dados a conhecer por Herman Parret, entre outros, no nº47 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure* (1993-1994) e numa monografia de 1994 – *Manoscritti di Harvard* – com o subtítulo *Riflessioni saussuriane sul tempo e sull'io* (1ª edição mundial italiana da editora Laterza (Roma-Bari)). É feita uma primeira referência a estes manuscritos e à sua importância, particularmente no campo da fonologia, num texto de Jakobson de 1969, publicado no nº 26 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*: "Saussure's Unpublished Reflections on Phonemes".

Num conjunto numeroso e heterogéneo de documentos, na sua maioria não datados e não datáveis, destacaram-se, para Parret, dois campos de interesse: a fonética, para a qual aí se esboça um projecto de tratado, e a mitografia, incidindo mais fortemente sobre a filosofia védica.

Na sua óptica de filósofo da linguagem interessado em linguística geral, Parret debruça-se, na análise dos manuscritos que abordam a



fonética e a mitografia, sobre dois temas que constituem novidade na concepção linguística saussureana e que, para aquele autor, contribuem para o conhecimento do pensamento saussureano: trata-se dos temas do tempo e da subjectividade.

No *Cours de linguistique générale* (CLG) encontra-se um conceito de tempo do qual se pode fazer uma apresentação dicotómica. Por um lado, o tempo associado à dimensão diacrónica, um tempo objectivo, exterior à língua, tempo-factor da sua evolução enquanto facto social (CLG:113). A abstracção deste tempo exterior é um dos traços que caracterizam a linguística geral (sincrónica) definida no texto do *Cours*. Por outro lado, o tempo linear ou espacializável, um tempo subjectivo, o tempo interior da "cadeia acústica" ou do significante (CLG:64). Este tempo é referido nos Manuscritos como o "tempo da identidade da sensação acústica" (fragmento 56)<sup>2</sup>.

Um terceiro conceito de tempo, radicalmente diverso e, nas palavras de Parret, bem mais fascinante, é introduzido nos Manuscritos: o tempo-esfera ou tempo ambiental, referido como "tempo da identidade do fenómeno físico" (fragmento 56). Este tempo não é concebido como uma linha, mas como uma esfera acústica, no interior da qual "nós nos movemos" (fragmento 24). A temporalidade não seria, assim, uma dimensão da actividade linguística, mas o seu ambiente não objectivável: o tempo-esfera é o lugar e o tempo da existência (Parret 1994:28-29).

Associada ao conceito de tempo é introduzida a figura do 'Ouvido' ("Oreille"): "as sensações registam-se. O tempo é para o Ouvido o que o espaço é para a vista" (fragmento 52). "Naturalmente, o Ouvido só pode decidir as semelhanças, as identidades, e as diferenças das percepções" (fragmento 32). Parret procura caracterizar este conceito de Ouvido. Não é "o órgão fisiológico" nem "o espírito enquanto conjunto de estados mentais ou psicológicos autónomos e pré-discursivos". É "a faculdade que apreende o físico-acústico e a sua temporalidade" (Parret 1994:31). É "uma intencionalidade indirectamente intencional, uma vontade indirectamente voluntária" (ibidem:32). Para este autor, o Ouvido poderá constituir uma rede modal que combina o querer e a intencionalidade (ibidem:36). Não podendo ser identificado a um sujeito enunciante, nem a um sujeito psicológico ou colectivo, Parret identifica-o a um Sujeito lógico. A figura hipostasiada do Ouvido corres-

---

<sup>2</sup> Os fragmentos remetem para o texto original dos Manuscritos, de acordo com a edição de Parret.

ponderaria à busca, por Saussure, de um sujeito não-subjectivo, capaz de ter as funções de uma regra metaempírica (ibidem:43).

A formulação deste conceito de Ouvido que Parret caracteriza como um Sujeito lógico é desenvolvida nos Manuscritos nos textos sobre a filosofia hindu, baseando-se, em particular, na tripartição do 'nidra' (ou alma individual) em 'Eu-vigília', 'Eu-sonho' e 'Eu-sono'. Não conseguindo, no domínio da linguística, pensar o Sujeito lógico, Saussure volta-se para outros paradigmas e para outras culturas, interessando-se vivamente pela teosofia bramânica e pela epistemologia que lhe é subjacente (Parret 1994:44).

"O procedimento filosófico do espírito hindu é invariavelmente o mesmo: 1º afasta o mundo e as sensações que dele provêm / 2º resta-lhe "o íntimo" e supõe que esse eu sem qualidades nem afecções possíveis é idêntico à substância universal" (fragmento 96). "Se é esse o *eu final* ou o *Ser universal*... o eu perfeito e o perfeito princípio universal encontram-se no homem que dorme, desde que ele não sonhe enquanto dorme" (fragmento 97). É o Eu-sono, "a imagem do *eu* susceptível de impressões, mas não recebendo nenhuma, ao mesmo tempo sem consciência do seu próprio eu" (ibidem).

"O hinduismo parece representar para ele [Saussure] *o caminho em direcção ao Vazio* que lhe permite alcançar o mecanismo da *purificação semântica*" (Parret 1994:44). Para Parret, é esta a essência do pensamento saussureano. O Eu-sono seria a condição normal do uso da língua, da imersão no tempo-esfera da contribuição individual e da memória colectiva. Seria destruída, nesta visão, a oposição entre *langue* e *parole*, entre o social e o individual. Identificado o Ouvido ao Eu-sono, estaria encontrado o Sujeito lógico não-subjectivo.

Parret considera que, embora seja reduzido o número de textos directamente relacionados com uma concepção global da linguagem, "os manuscritos de Harvard representam uma verdadeira mina de ouro que toca *indirectamente* a linguística geral. A concepção saussureana da linguagem e do discurso, do sujeito falante e do tempo linguístico subtende os fragmentos sobre fonética e sobre mitografia" (1994:8-9).

Mas as conclusões são cautelosas. Talvez porque a impossibilidade de datação de grande parte dos manuscritos não permita uma ordenação cronológica no conjunto da obra saussureana, não podendo portanto utilizar-se esse factor como critério de decisão sobre qual é, finalmente, o verdadeiro Saussure. Para Sebastiano Vecchio, autor de uma interessante recensão publicada no nº26 (1994) da revista *Nuove Effemeridi* de Palermo, Saussure continua a ser aquele que já tínhamos



à nossa disposição. E é para conhecer melhor esse Saussure e não para fabricar outros, que é importante conhecer os seus diversos percursos. O título da recensão é revelador dessa posição: "Uno, duo, tre: Saussure!".

Pode parecer surpreendente que os discípulos de Saussure mais directamente responsáveis pela redacção do *Cours de linguistique générale* não tenham dirigido a sua investigação em direcção ao que veio a ser a corrente estruturalista. Bally é um dos primeiros linguistas que se interessaram pelo estudo da enunciação e talvez o primeiro que sobre ela esboçou uma teoria. Na sua obra de 1932 *Linguistique générale et linguistique française*, a 1ª secção do 1º capítulo intitula-se "Théorie de l'énonciation", título que, na edição de 1944 passou a ser "Théorie générale de l'énonciation". O interesse pelos problemas da enunciação parece ter sido motivado por um estudo comparativo entre o francês e o alemão, que o levou a ter em conta a enunciação na sua totalidade. Segundo Chiss & Puech (1995:103), para Bally, "é a enunciação – isto é, as formas sintácticas, lexicais, fonéticas, gestuais de comunicar o pensamento – que faz com que uma língua seja a língua que é e não outra".

Bally considera a enunciação não como exterioridade associável à *parole*, mas como a semantização da língua, na acepção benvenistiniana do termo. Ao estudar a enunciação, Bally propõe-se procurar os mecanismos pelos quais se produz a significação num enunciado (Chiss 1985:169). Contrariamente a Benveniste, que mantém a dicotomia *langue/parole* tal como é formulada no *Cours*, e vê a enunciação como um acto individual e único, Bally procura o alargamento do quadro saussureano, integrando no campo da *langue* o que, na perspectiva estritamente saussureana, poderia parecer exterior ao sistema (ibidem:172). Cito novamente Bally numa passagem da lição proferida quando da abertura do Curso de Linguística Geral em 1913: "Em resumo, mantenho-me fiel à distinção saussureana entre *langue* e *parole*, mas anexo ao domínio da *langue* uma província que dificilmente se lhe atribui: a língua falada vista no seu conteúdo afectivo e subjectivo. Ela reclama um estudo especial e é a esse estudo que eu chamo estilística. Um dos objectivos do meu ensino será mostrar como a estilística se integra na linguística geral" (Bally [1925]1965:159).

No tratamento dos problemas da modalidade, Bally propõe uma análise polifónica do conceito de sujeito – da qual, segundo Ducrot 1984:29 (apud Chiss 1986), é o iniciador. Essa análise é distante cer-

tamente do quadro axiomático do *Cours de linguistique générale*, mas aproxima-se das concepções que se podem extrair quer dos Anagramas quer das propostas feitas nos Manuscritos de Harvard.

É impossível, neste espaço, propor um panorama detalhado dos estudos sobre enunciação. Irei apenas, a partir das considerações já feitas, e passando por Bally, estabelecer pontos de ruptura ou de continuidade entre Saussure e Antoine Culioli.

Culioli vem, desde a década de sessenta, trabalhando um modelo geral da linguagem que integra as coordenadas enunciativas como parâmetros descritivos abstractos e em que é dada particular relevância à reflexão teórica. O seu programa de investigação está sintetizado na definição que apresenta de linguística: "Ciência cujo objectivo é apreender a linguagem através da diversidade das línguas naturais". Mais desenvolvidamente, o objectivo é "reconstruir, por processos teóricos e formais, as noções primitivas, as operações elementares, as regras e esquemas que geram as categorias gramaticais e as configurações específicas de cada língua. Em resumo, o objectivo é encontrar os invariantes que fundam e regulam a actividade da linguagem, em toda a sua riqueza e complexidade" (Culioli 1990:179).

Primitivos neste modelo teórico são as coordenadas enunciativas Sujeito da enunciação (S) e Tempo-espço da enunciação (T), que definem a Situação de enunciação (Sit). Trata-se de parâmetros descritivos abstractos e não de um sujeito e de um tempo-espço historicamente determinados. Estes conceitos correspondem a objectos teóricos, metalinguísticos, a partir dos quais se constroem as classe de sujeitos e de tempos, localizadores do acontecimento linguístico (Culioli 1990).

Por hipótese, a significação linguística resulta de cadeias de operações de localização abstracta (também um primitivo teórico), sendo os parâmetros S, T e Sit localizadores últimos nessas cadeias. Assim, na formalização culioliana, a enunciação intervém na construção metalinguística de toda a significação e não apenas na descrição de fenómenos locais bem delimitados como, por exemplo, a deixis ou a modalidade.

Podem sublinhar-se, em Bally, alguns pontos com os quais a proposta teórica de Culioli apresenta convergências: a concepção de significação linguística globalmente produzida por uma regularidade de mecanismos enunciativos e a introdução de um conceito complexo de sujeito. Mas o posicionamento teórico diverge. Para Bally, os mecanismos da enunciação são localizados na *langue*. No modelo de Culioli, não é atribuído estatuto teórico à oposição *langue-parole*.

Comparando Culioli e Saussure, encontramos pontos de ruptura e



pontos de aparente continuidade. A divergência já referida quanto ao estatuto teórico da oposição *langue-parole* é claramente um ponto de ruptura. Mas os dois linguistas parecem encontrar-se na definição metateórica do objecto de análise, que, num caso e noutro, se identifica com o objectivo que se pretende atingir: para Saussure, a *langue*, sistema abstracto; para Culioli, a actividade da linguagem, constituída por invariantes definíveis em termos abstractos, metalinguísticos. Trata-se, nos dois casos, de um objecto construído teoricamente, que não pré-existe à análise.

Outros princípios gerais que subtendem as duas propostas apresentam afinidades, que, a meu ver, podem interpretar-se como marcas de continuidade.

Segundo Parret (1994:10), para Saussure "é necessário atravessar a diversidade dos dados empíricos em direcção à profundidade, e radicar assim o contingente na sua própria *necessidade*." É indiscutível a analogia com o modelo culioliano. Construído a partir da observação das línguas naturais na sua diversidade, este modelo dá conta dessa diversidade, tendo como objectivo último a descrição dos invariantes que constituem a actividade da linguagem.

Benveniste ([1963]1966:34), apoiando uma posição semelhante, cita uma passagem do *Mémoire*: é necessário ir aos fundamentos "porque se trata não de especulação de uma ordem transcendente, mas da busca de dados elementares sem os quais tudo é vago, é arbitrariedade e incerteza".

Os textos dos Manuscritos podem trazer também algumas aproximações interessantes relativamente aos princípios fundacionais da teoria enunciativa de Culioli. Para Parret (1994:9), o desenvolvimento das noções de Tempo-esfera e de Eu-sono modifica o nosso conhecimento da concepção saussureana, extremamente complexa, do tempo linguístico/discursivo e do sujeito falante. Recordo o que atrás dissemos sobre o Tempo-esfera, tempo e lugar de existência do Sujeito lógico identificado com o Eu-sono.

À semelhança do que se apresenta nos Manuscritos, na concepção culioliana o Tempo-espaço associado ao Sujeito é formalmente definido como condição necessária à enunciação. A Situação de enunciação, instância metalinguística abstracta em relação à qual se localiza toda a construção linguística, pode aproximar-se do Tempo-esfera da concepção saussureana. Quanto ao Sujeito da enunciação, é a partir dele e em relação a ele que se constrói a classe de sujeitos locutores ou enuncian-

tes. O Sujeito da enunciação é um parâmetro metalinguístico que pode identificar-se ao Sujeito lógico na função metaempírica que um e outro podem assumir.

Uma apreciação global levar-nos-ia, ainda, a comparar a reflexão filosófica, aliada a preocupações de natureza científica, que se encontra na base das duas abordagens. No modelo culioliano de funcionamento da linguagem, esta é caracterizada como actividade de representação, de referenciação e de regulação. Há uma aproximação explícita ao domínio da filosofia da linguagem, particularmente "na sua versão britânica" (Culioli 1992:31), ainda que a preocupação do linguista se distancie da do filósofo: o linguista interessa-se pela actividade da linguagem enquanto "construção de substitutos inteiramente desligados da realidade exterior" (Culioli 1990:37). Buscando o rigor conceptual em ciências como a lógica e a matemática, a antropologia e a psicologia cognitiva, Culioli propõe, no entanto, um sistema de representação metalinguística que é autónomo e adequado à complexidade do objecto de análise.

Quanto a Saussure, dá em 1909 uma entrevista (integrada nas *Sources manuscrites*) na qual refere o seu projecto de Curso de Linguística Geral como um "curso filosófico de linguística". Mas o "sistema de filosofia da linguagem" que faria parte do Curso, em 1911, "não está suficientemente elaborado" (Bouquet 1992:93). Para este autor, Saussure tem com a filosofia uma relação ambígua, uma vez que a questão filosófica poderia entrar em conflito com a perspectiva científica que ele procurou imprimir aos seus Cursos.

Retomando, para terminar, o título desta comunicação, parece-me ser de concluir pela existência de pontos de continuidade, mais do que de ruptura. E, particularmente com base nos textos dos Manuscritos de Harvard, essa continuidade revela-se sobretudo em aspectos não triviais.

## Referências

- BALLY, Ch. [1925]1965 – *Le langage et la vie*, Genève, Droz  
BALLY, Ch. [1932] 1944 – *Linguistique générale et linguistique française*, Paris, Ernest Leroux  
BENVENISTE, E. [1963]1966 – "Saussure après un demi-siècle" in *Problèmes de linguistique générale I*, Paris, Gallimard, 32-45  
BENVENISTE, E. 1965 – "Ferdinand de Saussure à l'École des Hautes Études" in *École Pratique des Hautes Études, IVe Section, Annuaire 1964-65*, 1965.21-34



- BOUQUET, S. 1992 – "La sémiologie linguistique de Saussure: une théorie paradoxale de la référence", *Langages* 107, 84-95
- CALVET, L.-J. 1975 – *Pour et contre Saussure*, Paris, Payot
- CHISS, J.-L. 1985 – "La stylistique de Charles Bally: de la notion de "sujet parlant" à la théorie de l'énonciation", *Langages* 77, 85-94
- CHISS, J.-L. 1986 – "Charles Bally: qu'est-ce qu'une théorie de l'énonciation?", *Histoire Épistémologie Langage* VIII-2, 165-176
- CHISS, J.-L. & C. Puech 1995 – "Charles Bally: la stylistique comme discipline et enjeu", *Langages* 118, 97-107
- CULIOLI, A. 1990 – *Pour une linguistique de l'énonciation*, Paris, Ophrys
- CULIOLI, A. 1992 – "Entretien" in *Où en est la linguistique?*, Paris, Didier Érudition
- GADET, F. 1987 – *Saussure. Une science de la langue*, Paris, PUF
- GODEL, R. 1957 – *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale*, Genève, Droz
- JAKOBSON, R. 1969 – "Saussure's Unpublished Reflections on Phonemes", *Cahiers Ferdinand de Saussure* 26, 5-14
- JAKOBSON, R. 1974 – *Questions de poétique*, Paris, Seuil
- MILNER, J.-C. 1978 – *L'amour de la langue*, Paris, Seuil
- PARRET, H. 1993/1994 – "Les manuscrits saussuriens de Harvard", *Cahiers Ferdinand de Saussure* 47, 179-234
- PARRET, H. 1994 – *Ferdinand de Saussure. Manoscritti di Harvard*, Roma-Bari, Editori Laterza
- SAUSSURE, F. de 1967-1974 – *Cours de linguistique générale*, edição crítica por R. Engler, Wiesbaden, Otto Harassowitz
- SAUSSURE, F. de 1972 – *Cours de linguistique générale*, edição crítica preparada por T. de Mauro, Paris, Payot
- STAROBINSKI, J. 1971 – *Les mots sous les mots. Les anagrammes de Ferdinand de Saussure*, Paris, Gallimard
- VECCHIO, S. 1994 – "Uno, due, tre: Saussure!", *Nuove Effemeridi* 26, 95-96.